

ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MANUAL DIDÁTICO DE E/LE À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA

Georgia Tath Lima de OLIVEIRA¹
Mestranda em Linguística Aplicada/UECE

Aluiza Alves de ARAÚJO²
Professora Doutora do Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada/UECE

Rakel Beserra de Macêdo VIANA³
Mestranda em Linguística Aplicada/UECE

RESUMO

Neste artigo, objetivamos evidenciar como os conteúdos sobre a variação são apresentados em uma coleção constituída por três manuais didáticos, voltada para o ensino de E/LE. Metodologicamente, utilizamos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) na análise dos manuais didáticos da coleção *Aula Internacional* com vistas a evidenciar a existência ou ausência de conteúdos que apresentam e trabalham a variação linguística no ensino de E/LE. Esse estudo se justifica pelo fato de toda língua ser heterogênea, fluida e multifacetada, tornando necessário que os manuais didáticos para o ensino de línguas estrangeiras contemplem conteúdos acerca da variação linguística. Após a análise dos manuais, verificamos que, embora haja avanços no sentido de desenvolver um ensino de língua mais próximo da realidade linguística da língua estudada, ainda há muito que se ser feito para que esse tipo de ensino seja, de fato, concretizado.

Palavras-chave: Ensino de língua estrangeira. Espanhol como língua estrangeira (E/LE). Variação linguística. Manual didático.

Introdução

Toda sociedade apresenta diferenças no que concerne a aspectos culturais, comportamentais, econômicos, entre outros aspectos. Da mesma maneira e, principalmente, por estarem inseridas em contextos culturais comunicativos, as línguas apresentam variações que decorrem de fatores, como os geográficos, os sociais, os de estilo e, principalmente, dos usos que os indivíduos delas fazem em diferentes situações. Dessa forma, toda língua é heterogênea, fluida e multifacetada (ALKMIN, 2001; CAMACHO, 1983; 2001).

¹ Endereço eletrônico: gtathlo@gmail.com

² Endereço eletrônico: aluizazinha@hotmail.com

³ Endereço eletrônico: rakelbeserra@gmail.com

Pensando nesse sentido, o ensino de línguas deve, dentre outros aspectos, priorizar conteúdos que permitam ao aluno compreender essas diferenças ou variações linguísticas por meio do contato com materiais, textos e atividades que proporcionem o desenvolvimento desse conhecimento, afinal, todo ensino de língua visa instrumentalizar os indivíduos para que possam comunicar-se, empregando-a adequadamente nas diferentes situações comunicativas (TRAVAGLIA, 2002).

Trabalhar a variação linguística no ensino de língua materna não é uma tarefa fácil para o professor. Esta se torna ainda mais complexa em se tratando do ensino de uma língua estrangeira. Em relação à língua espanhola como língua estrangeira (E/LE), essa variação se torna ainda mais evidente e, portanto, complexa de ser ensinada, pois é idioma oficial em 21 países, assumindo as peculiaridades inerentes às diferentes culturas nas quais é utilizado, assim como idioma oficial de organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), União Europeia (UE), Mercado Comum do Sul (Mercosul), dentre outras. (FERNÁNDEZ, 2000; 2010).

Embora a variação linguística seja um dos conteúdos ministrados nas disciplinas de Sociolinguística em cursos de formação inicial de professores de língua espanhola (licenciaturas), quando em campo, alguns docentes de E/LE, que atuam tanto na Educação Básica quanto em cursos livres de idiomas, alegam esbarrar em diversas situações que dificultam a abordagem desse assunto em sala de aula, por exemplo, insegurança ou conhecimento insuficiente sobre a temática, a grande quantidade de informações referentes aos contextos de fala da língua espanhola, entre outros. E eles estão certos.

Cada país que tem o espanhol como idioma oficial atribui à língua elementos de sua história e contexto, construindo, para si, uma variante com características próprias e, embora sejam variantes semelhantes, espanhol ou *castellano*, muitas diferenças podem ser detectadas, principalmente, em relação ao léxico (FERNÁNDEZ, 2000; 2010).

O americanismo, por exemplo, é um termo utilizado para indicar variações de tipo fonética, semântica, gramatical e lexical no espanhol hispano-americano. Dentre essas

variações, podem ser encontradas o *seseo*⁴, o *voseo*⁵, o *loísmo*⁶, o *laísmo*⁷ e o *yeísmo*⁸. Em relação à variação lexical, cada região da América hispano falante, por exemplo, apresenta vocabulário específico para denominar um mesmo ente ou objeto, diferindo consideravelmente, do léxico utilizado no espanhol peninsular (espanhol da Espanha). Palavras como ônibus e caneta podem apresentar as seguintes variantes em relação às mesmas palavras utilizadas na Espanha: *autobús* e *bolígrafo* – Espanha; *bus* e *esfero* – Colômbia; *camión* e *pluma* – México; *guagua* e *pluma* – Porto Rico; *colectivo* e *lapicera* – Argentina.

Geralmente, o professor de E/LE tem no manual didático, o principal (quando não o único) material de apoio as suas práticas, sendo necessário que este manual disponibilize um número de conteúdos e experiências, como lições e atividades, que possibilitem ao docente mediar a aprendizagem dessa língua pelos alunos. Dentre esses conteúdos, é necessário que estejam os que abordam o estudo da variação linguística, pois além de os motivos expostos anteriormente, esse conhecimento permite que o indivíduo que está em contato com o E/LE compreenda que não há variante melhor ou pior dessa língua, mas que todas possuem aspectos relevantes à comunicação, o que pode, por exemplo, auxiliar na dissolução de possíveis preconceitos linguísticos.

Os manuais didáticos selecionados para uso dos alunos de escolas públicas da Educação Básica no Brasil seguem critérios estabelecidos pelo Ministério da Educação (MEC) que preconizam, dentre outras orientações, a eliminação de preconceitos de diversas naturezas – racial, social, religioso, linguístico -, passando a adotar uma abordagem que considera as diferenças dos alunos, principalmente em relação às distintas formas de falar, considerando essas diferenças como variações linguísticas e não mais como erro (BRASIL, 2006).

Uma das hipóteses levantadas, nesse estudo, é a de que a ausência de conteúdos referentes à variação linguística em manuais didáticos para o ensino de E/LE pode comprometer a experiência de aprendizagem do aluno, proporcionando-lhe uma compreensão parcial do idioma, pois não somente de gramática se constitui uma língua, senão, e principalmente, das diferenças que esta apresenta, das quais, muito dificilmente, uma gramática poderá dar conta.

⁴ Pronúncia de fonemas interdentais (C; Z), como se fossem fonemas alveolares (S).

⁵ Utilização do pronome de segunda pessoa do singular *vos* em substituição ao *tú*.

⁶ Utilização dos pronomes átonos *lo/los* em substituição aos pronomes *le/les* como objeto indireto para referir-se a nomes masculinos.

⁷ Utilização dos pronomes átonos *la/las* em substituição aos pronomes *le/les* como objeto indireto para referir-se a nomes femininos.

⁸ Pronúncia do *ll* como se fosse *y* (*caballo* > *cabayo*).

Nessa perspectiva, o estudo que ora se apresenta, de natureza bibliográfica, tem como objetivo evidenciar como os conteúdos sobre a variação linguística são apresentados em uma coleção, constituída por três manuais didáticos, voltada para o ensino de E/LE.

O presente estudo apresenta-se organizado da seguinte maneira, além desta introdução e das nossas considerações finais: um breve referencial teórico, no qual são apresentados os percursos da Sociolinguística e as variações linguísticas inseridas no ensino de E/LE; a metodologia, na qual é analisada uma coleção de três manuais didáticos para o ensino de E/LE, com vistas a evidenciar a existência ou ausência de conteúdos que tratem do fenômeno da variação linguística; e uma discussão desses resultados com base no referencial teórico desta pesquisa.

O percurso da Sociolinguística

Para avançar em direção aos pressupostos que compõem a Sociolinguística, torna-se necessário retomar os estudos de *Saussure* (1989 [1916]) sobre o estruturalismo e a proposta de dissociação entre língua (*langue*) e fala (*parole*). Para esse estudioso, conhecido como fundador da Linguística enquanto ciência, língua e fala são duas instâncias dicotômicas, sendo a primeira um sistema homogêneo, abstrato e invariável, compartilhado por todos os seus falantes e, portanto, podendo configurar-se como objeto de estudo da linguística, enquanto que a segunda, a fala, é o resultado dos atos individuais de cada falante, portanto, heterogênea, plena de variações decorrentes de fatores externos e, por essa razão, muito dificilmente poderia constituir-se enquanto objeto de estudo da linguística (SAUSSURE, 1989 [1916]).

Levando-se em consideração o arcabouço teórico atribuído a *Saussure*, percebe-se que os estudos estruturalistas da língua a consideram como um sistema hermeticamente encerrado em si mesmo, somente sendo possível analisar os fatos linguísticos a partir dos próprios fatos linguísticos, sem levar em consideração fatores externos, como os contextos históricos, sociais e culturais.

Labov (2008 [1972]) questiona a tradição investigativa *saussuriana* e aponta algumas contradições que poderiam ser encontradas no interior dos estudos estruturalistas, pois se os teóricos adeptos dessa corrente consideravam que os fatos linguísticos somente poderiam ser observados a partir de outros fatos linguísticos, e que a dimensão social não contribuiria para essa observação, como poderiam admitir que os aspectos sociais da língua poderiam ser

estudados pela observação dos indivíduos, e que os aspectos individuais poderiam ser estudados pela observação da língua em contexto?

Percebe-se daí que, muito embora *Saussure* afirmasse que os fatores sociais não contribuíam para a análise da língua em uma perspectiva estruturalista, e que, de fato, seus estudos não tenham contribuído para a confirmação da língua como uma heterogeneidade ordenada, ainda assim, o fundador da Linguística não excluía a evidente influência que aqueles exerciam sobre esta (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Após Saussure, Chomsky, fundador do Gerativismo, além de reforçar as dicotomias presentes na teoria da Linguística estruturalista, acrescenta-lhe outras, tais como a de competência *x* desempenho, sendo a primeira constituída pelo conhecimento abstrato das regras da língua e a segunda pelas escolhas e uso dessas regras. Para Chomsky, a Linguística deve ocupar-se de falantes e ouvintes ideais inseridos em uma comunidade de fala homogênea (LABOV, 2008 [1972]). Para essa teoria, a língua é um reflexo da mente, ou seja, há uma base estrutural comum a todas as línguas fixada nos cérebros dos indivíduos, permitindo-lhes aprender uma língua exatamente da mesma maneira (SOUZA, 2012).

Foi a partir dos estudos de Labov (2010, 2008 [1972], 2006 [1966], 2001, 1994) que a relação entre língua e sociedade passou a ser pensada na perspectiva da heterogeneidade da comunidade de fala, ou seja, não há falantes nem ouvintes ideais, mas reais, distintos entre si, e as variações linguísticas que manifestam por meio de sua fala seguem uma sistematicidade, constituindo-se em um dos pressupostos da teoria da variação linguística.

Os pressupostos dessa teoria reconhecem a língua como uma manifestação de comportamento social, levando em consideração seu uso em uma comunidade de fala, portanto, defendem que os estudos envolvendo as línguas não podem desenvolver-se separadamente dos contextos sociais nos quais estão inseridas, pois somente há comunicação se houver um contexto social. Outro pressuposto defendido por essa teoria é o de que toda língua apresenta variações e que estas são motivadas por aspectos tanto linguísticos quanto sociais.

Influenciada por métodos das pesquisas sociais, os pesquisadores dessa área vão a campo para levantar dados, registrar, descrever e analisar as diferentes manifestações da fala dos indivíduos, consolidando assim a variação linguística como seu objeto de estudo. Um dos principais objetivos da pesquisa em Sociolinguística é compreender que fatores motivam a variação linguística e qual a relevância desses fatores para o desencadeamento da mudança que está em curso.

Além dos aspectos mencionados anteriormente, a Sociolinguística contribui, ainda, para a área de ensino de línguas, nativa e estrangeira, deixando em evidência, variantes linguísticas historicamente consideradas inferiores ou corrompidas. Nesse sentido, ao reconhecer que essas variantes, mesmo diferentes da norma padrão, também são estabelecidas sobre regras gramaticais, e que há uma sistematicidade nessas regras, o professor possibilita ao aluno o contato com as diferentes formas faladas da língua, valorizando a fala deste indivíduo e enriquecendo sua experiência de aprendizagem.

O advento da Sociolinguística modificou a forma de se pensar sobre a língua falada, conferindo-lhe relevância nos estudos linguísticos e desmistificando premissas, como a presença do erro em algumas variantes da língua oral, a homogeneidade da língua, a existência de línguas superiores e inferiores, etc., o que vem contribuindo para o combate ao preconceito linguístico. A relevância da abordagem das variações linguísticas no ensino de línguas se justifica pelo fato de que, estas, representam o dinamismo que lhes é inerente, assim como, sua evidente heterogeneidade (MOLLICA; BRAGA, 2007).

As variações linguísticas no ensino de espanhol como língua estrangeira

De acordo com dados do Instituto Cervantes (2010), a língua espanhola é uma das mais estudadas na atualidade, sendo a segunda língua mais utilizada no mundo, com aproximadamente 450 milhões de falantes, que têm o espanhol como língua materna, segunda língua e língua estrangeira, estando o Brasil inserido nesta última situação.

O ensino de E/LE no Brasil tornou-se obrigatório nas escolas de Educação Básica, públicas e privadas, a partir da aprovação Lei nº 11.161/2005 (BRASIL, 2005) que, mais recentemente, foi revogada pela Lei nº 13.415/2017 (BRASIL, 2017), conhecida como Reforma do Ensino Médio, tornando o ensino de espanhol optativo nessas instituições, retirando dos estudantes o direito ao contato com a língua dos países vizinhos, línguas estas, português e espanhol, que compartilham de mesmo tronco e origem linguística, restringindo suas possibilidades de comunicação e intercâmbio de conhecimentos.

Em relação ao processo de ensino-aprendizagem de E/LE no Brasil, aparentemente, o aluno apresenta facilidade no início de seus estudos, pois o espanhol também se origina do latim, assim como o português, mas à medida que se aprofunda nos estudos da língua espanhola, as dificuldades de aprendizagem vão surgindo, principalmente, no que concerne às questões

fonético-fonológicas, morfossintáticas ou léxico-semânticas e pragmático-discursivas (COAN; PONTES, 2013).

Não raro, o ensino de E/LE no Brasil desconsidera os conteúdos relacionados ao fenômeno da variação linguística, privilegiando apenas uma das muitas variantes existentes, sendo, geralmente, a variante peninsular, utilizada em Madrid, Espanha, considerada como padrão ou *stándar*. Alguns dos motivos que desencadeiam essa homogeneização do E/LE são a escassez de recursos e materiais didáticos que auxiliem o professor na abordagem dessas múltiplas variantes e, ainda, as poucas pesquisas na área da Sociolinguística Variacionista aplicadas ao ensino de E/LE.

Segundo Tarallo (2005), as variações linguísticas podem ser de tipo *diatópicas*, decorrentes do espaço geográfico, *diastráticas*, decorrentes de aspectos sociais (escolaridade, fatores econômicos, etc.) e *diafásicas*, dentre outras, decorrentes dos diferentes modos de utilização de uma língua pelos indivíduos durante a comunicação. No ensino de E/LE, desconsiderar um desses tipos de variação, pode significar uma aprendizagem parcial da língua pelo aluno, principalmente, se forem suprimidos conteúdos referentes às variações de tipo diatópicas.

Para Bortoni-Ricardo (2004), um ensino pleno da língua é o que permite ao aluno a liberdade de expressar-se oralmente em sala, independente do código e da variante que utilize, pois, este deve sentir-se como partícipe legítimo dos processos que ocorrem no espaço escolar. Nesse modelo, o papel do professor se desloca da correção do *erro* à conscientização de que existem múltiplas variantes da língua oral e que a realização de cada uma destas está sujeita aos contextos de comunicação (BORTONI-RICARDO, 2005; TRAVAGLIA, 2002).

Apresentar aos alunos as diversas variantes da língua espanhola significa apresentar-lhes um pouco de cada uma das culturas nas quais está inserida e, ainda, proporcionar-lhes condições de optar pelo uso de uma ou de outra variante, e esse poder de escolha é um dos fatores que caracterizam os indivíduos em uma comunidade de fala (COAN; PONTES, 2013).

A diversidade de variantes do espanhol se apresenta tão significativa que, para fins didáticos, Coan e Pontes (2013) propuseram, com base nos estudos de Rama (1982), que desenvolveu os conceitos de comarcas linguísticas e de geração dos sistemas literários latino-americanos, e de Fernández (2000; 2010), que propôs uma divisão em regiões linguísticas para a América e para a Espanha, uma divisão do espanhol em seis zonas linguísticas em função da proximidade geográfica entre os países que compõem a América Latina, cinco primeiras zonas,

e a Espanha, última zona, e que se utilizam do espanhol como língua materna, apresentados na Figura 1.

Figura 1: Relação de proximidade geográfica entre os países que compõem a América Latina e a Espanha



Fonte: Disponível em: <<https://goo.gl/UYD47S>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2017.

A divisão de Coan e Pontes (2013) se apresenta da seguinte maneira: **1) Caribe:** Cuba, Panamá, Porto Rico, República Dominicana, costas da Venezuela e da Colômbia; **2) México e América Central:** Guatemala, Honduras, El Salvador, México, Costa Rica e Nicarágua; **3) Andes:** Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia; **4) Rio da Prata e Chaco:** Argentina, Paraguai e Uruguai; **5) Chile;** **6) Espanha.**

Embora reconheçam que a Espanha também apresenta distintas variantes linguísticas em suas diversas comunidades autônomas, por questões didáticas, os autores sugerem que o país figure como uma única zona linguística. Em sua divisão, os autores não incluíram a Guiné Equatorial, único país africano que tem o espanhol como língua oficial.

Na seção a seguir, serão apresentados alguns apontamentos sobre o manual didático para o ensino de língua estrangeira.

Manuais didáticos para o ensino de língua estrangeira

Levando em consideração que a variação linguística se constitui em uma realidade para os atos comunicativos, a escola torna-se o espaço preferido para que o aluno vivencie, da maneira mais próxima possível, o maior número de possibilidades de uso das distintas variantes existentes em uma língua.

Consequentemente, torna-se papel do professor abordar esse tipo de conteúdo durante os processos de ensino-aprendizagem de línguas, permitindo que o aluno possa desenvolver aspectos relacionados à cidadania, cultura, estesia⁹, ética, entre outros, assim como, deslindar-se de posturas preconceituosas relacionadas aos diferentes falares e que, ainda hoje, se fixam nas práticas de alguns docentes. Para que isso se torne possível, o próprio professor deve modificar sua percepção em relação à presença e ao uso das variações linguísticas em sala de aula, não se restringindo somente ao uso da norma padrão.

Nesse sentido, o manual didático apresenta-se como importante ferramenta de apoio às práticas do professor e, para o ensino de línguas, pode representar um dos recursos mais relevantes para a apresentação das variantes encontradas em uma língua estrangeira. Para Rodrigues (2005), o manual didático voltado para o ensino de uma língua estrangeira deve fornecer subsídios que permitam tanto ao professor trabalhar adequadamente as variações linguísticas, quanto ao aluno interagir em situações de comunicação nas diferentes variantes existentes da língua alvo estudada.

Nesses manuais devem ser contemplados conteúdos que abarquem a heterogeneidade da língua, principalmente em função de fatores, tais como: regiões geográficas, aspectos sociais, aspectos culturais e contextos de uso. (COAN; PONTES, 2013).

Até a década de 1980, os manuais didáticos para o ensino de E/LE não eram produzidos no Brasil (COAN; PONTES, 2013), sendo necessária a importação de manuais vindos direto da Espanha, estruturados de acordo com os métodos de ensino constantes no *Marco Común Europeo de Referencia* (MCER), e que terminaram por serem os métodos de ensino vigentes no Brasil. Os primeiros manuais espanhóis para o ensino de E/LE, importados da Espanha e utilizados aqui no Brasil, foram: *Español en Directo* (1975), *Antena* (1978) e *Entre Nosotros* (1982) (BRASIL, 2005).

Muito embora já exista produção nacional de manuais didáticos para o ensino de E/LE, ainda há manuais que são importados, como uma das coleções do manual didático *Aula Internacional*, produzido pela editora espanhola *Difusión*, e que será analisada mais adiante,

⁹ A estesia pode ser compreendida como a capacidade para apreender as qualidades sensíveis que emanam a partir das configurações das coisas do mundo, como a cultura.

com o objetivo de verificar a presença ou ausência de conteúdos e atividades que contemplem a variação linguística na língua espanhola.

Em pesquisa realizada por Pontes (2009), o autor constatou que, em manuais didáticos voltados ao ensino de E/LE, a variante peninsular (espanhola) ainda é privilegiada em detrimento das variantes latino-americanas, além do predomínio da abordagem estruturalista. O estudo de Kraviski (2007) salienta que, além de privilegiar o ensino da variante peninsular, os manuais didáticos que abordam o tema sobre as variações linguísticas latino-americanas o fazem de maneira superficial, pontual e resumida.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2005) preveem que a avaliação do manual didático para o ensino de língua estrangeira deve ser pautada em critérios definidos e objetivos, devendo considerar, principalmente, se o mesmo contempla a realidade na qual ocorrem os processos de ensino-aprendizagem dessa língua.

Com base no que foi exposto anteriormente, na seção seguinte, sobre a metodologia, será apresentada a análise dos três volumes do manual didático *Aula Internacional*.

Metodologia: tipologia e *corpus* da pesquisa

A pesquisa que ora se apresenta é de natureza bibliográfica e descritiva. Tem como objetivo analisar uma coleção de manuais didáticos para o ensino de E/LE com vistas a evidenciar a presença ou ausência de conteúdos voltados ao ensino das variantes linguísticas existentes em língua espanhola.

O *corpus* dessa pesquisa constitui-se de três dos quatro manuais didáticos para o ensino de E/LE, da coleção *Aula Internacional*, produzidos pela editora espanhola *Difusión* e que foram utilizados até o semestre 2017.1 no Núcleo de Línguas Estrangeiras da Universidade Estadual do Ceará (NLE-UECE) para os seis semestres que compõem o *nível intermediário/umbral/B1* do curso de E/LE.

Esses manuais se distribuíam da seguinte maneira: *Aula Internacional 1*, ilustrado na Figura 2, utilizado nos semestres 1 e 2; *Aula Internacional 2*, na Figura 3, para os semestres 3 e 4; e *Aula Internacional 3*, apresentado na Figura 4, semestres 5 e 6. O manual *Aula Internacional 4* foi desconsiderado nessa pesquisa porque é utilizado no *nível avançado/profundización/B2-C1*, ou seja, nos semestres de aprofundamento dos conteúdos já estudados nos semestres anteriores.

Figura 2: Capa do manual didático *Aula Internacional 1*



Fonte: Disponível em: <<https://goo.gl/FcnLhb>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2017.

Figura 3: Capa do manual didático *Aula Internacional 2*



Fonte: Disponível em: <<https://goo.gl/FcnLhb>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2017.

Figura 4: Capa do manual didático *Aula Internacional 3*



Fonte: Disponível em: <<https://goo.gl/FcnLhb>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2017.

Apresentação da estrutura do *corpus*

Os manuais didáticos que serão analisados apresentam a mesma estrutura referente à distribuição dos conteúdos, a saber:

1) *Comprender*: nessa seção, são apresentados textos e documentos variados que contextualizam os conteúdos linguísticos e comunicativos básicos da unidade, por meio dos quais os alunos desenvolvem atividades de compreensão;

2) *Explorar y Reflexionar*: nessa seção, os alunos realizam um trabalho de observação da língua a partir de novas amostras ou de pequenos *corpora*. Tem o objetivo de oferecer um novo suporte para a tradicional aula de gramática, com o qual os alunos, dirigidos pelo próprio manual e pelo professor, descubrem o funcionamento da língua em seus diferentes níveis morfológico, léxico, sintático, funcional e discursivo, oferecendo, portanto, ferramentas alternativas para potencializar e ativar o conhecimento explícito de regras sem, necessariamente, que esta seja uma aula tradicional de gramática. Nessa mesma seção, são apresentados esquemas gramaticais e funcionais sob a forma de quadros de consulta, por meio dos quais se busca a clareza sem renunciar a uma aproximação comunicativa e de uso da gramática;

3) *Practicar y Comunicar*: essa seção é dedicada à prática linguística e comunicativa, incluindo propostas de trabalho variadas, mas que sempre consideram a relevância e implicação do aluno em seu uso da língua. O objetivo é experimentar o funcionamento da língua através de micro tarefas comunicativas, nas quais se praticam os conteúdos apresentados na unidade. Muitas das atividades presentes nessa seção do manual são baseadas na experiência do aluno: suas observações e percepção do entorno se convertem em material de reflexão intercultural e um potente estímulo para a interação comunicativa em sala. Ao final dessa seção, são propostas uma ou várias tarefas, cujo objetivo é exercitar processos de comunicação no grupo, implicando diversas competências que se concretizam em um produto final escrito ou oral;

4) *Viajar*: corresponde à última seção de cada unidade. Inclui materiais com conteúdo cultural que ajudam o aluno a compreender melhor a realidade cotidiana e cultural dos países de fala hispânica;

5) *Más Ejercicios*: essa seção se localiza no final do manual. Nela se propõem novas atividades de prática formal que estimulam a reflexão e a fixação dos aspectos linguísticos

apresentados nas unidades. Os exercícios são elaborados de modo que possam ser realizados de forma autônoma, assim como possam ser utilizados em aula para exercitar aspectos gramaticais e lexicais;

6) *Más cultura*: após a seção *Más Ejercicios*, essa seção inclui uma seleção de textos de diferentes tipos e atividades pensadas, para que os estudantes ampliem seus conhecimentos sobre temas culturais e relacionados aos conteúdos das unidades. O caráter complementar dessa seção permite ao professor incorporar esses conteúdos a suas aulas e ao aluno aprofundar-se no estudo do espanhol por sua própria conta;

7) *Más Gramática*: além do conteúdo de gramática, presente ao longo das unidades, essa seção aborda de forma mais detalhada todos os pontos gramaticais estudados, bem como uma lista de verbos e suas respectivas conjugações em todos os tempos verbais;



8) *Más Información y Transcripciones*: essa seção constitui-se de um anexo com informações úteis sobre diferentes temas, mapas, fichas com dados sobre os países hispano falantes, etc., além das transcrições dos áudios utilizados ao longo das unidades.

Análise dos manuais didáticos

No manual didático *Aula Internacional 1* (CORPAS; GARCIA; GARMENDIA, 2005a) a única atividade que faz referência ao estudo das variações linguísticas é a apresentada abaixo, que destaca as diferenças entre *Saludos* y *Despedidas* em alguns dos países hispano falantes, como podemos ver na Figura 5.

Figura 5: Atividade sobre as diferenças entre *Saludos* y *Despedidas* em espanhol

11. SALUDOS Y DESPEDIDAS

  **11** El español es una lengua que hablan unos 400 millones de personas. Todos hablan el mismo idioma, pero hay diferencias. Estas son maneras de saludarse y de despedirse entre amigos. ¿Cuáles crees que son saludos (S)? ¿Cuáles despedidas (D)?

- | | |
|--------------|-----------------------------|
| 1. Argentina | Hola, ¿qué tal? ¿Todo bien? |
| 2. Venezuela | Chao y hasta la próxima. |
| 3. Cuba | Hasta luego. |
| 4. Argentina | Chau, nos vemos. |
| 5. Venezuela | Hola, ¿cómo están? |
| 6. Cuba | Hola, ¿qué tal? |
| 7. España | Adiós, hasta luego. |
| 8. México | ¿Qué onda? ¿Cómo estás? |

S	D

Essa atividade, ilustrada na Figura 5, proposta para o semestre 1 do curso de E/LE, introduz o conteúdo sobre as saudações e as despedidas aos alunos iniciantes, apresenta os tipos de *acentos* ou pronúncias dessas sentenças, assim como, as variantes existentes em alguns dos países de fala hispânica.

Como afirmam Bortoni-Ricardo (2005) e Travaglia (2002), é nesse momento que o professor pode modificar seu papel em sala de aula, deslocando-se da posição de mero apontador de erros para a posição de mediador de um processo de aprendizagem consciente, aproveitando esse tipo de atividade para abordar a maior quantidade possível de aspectos sobre variação linguística, acrescentando outras informações ao conteúdo, como contextos de comunicação, por exemplo.

No entanto, constatou-se aqui, situação semelhante a evidenciada em pesquisa por Pontes (2009), ou seja, o manual *Aula Internacional 1* privilegiou a variante peninsular (espanhola) em detrimento das variantes latino-americanas, apresentando número insuficiente de atividades e nenhum conteúdo sobre essa temática.

No manual *Aula Internacional 2* (CORPAS; GARCIA; GARMENDIA, 2005b), a primeira atividade sobre variação linguística, situada na seção *Viajar* da Unidade 4, ilustrado na Figura 6, apresenta as diferenças de uso entre as formas de tratamento *ustedes* e *vosotros*, relacionadas a contextos comunicativos formal e informal, em alguns países hispano falantes, assim como, o uso do *tú* e do *vos*.

Figura 6: Atividade sobre as diferenças de uso entre *ustedes*, *vosotros*, *tú* e *vos* relacionadas ao contexto comunicativo, em alguns países hispano falantes, assim como, o uso do *tú* e do *vos*

VIAJAR

11. ¿VOS SOS ESPAÑOLA?

4. En toda América Latina se usa solamente ustedes para la segunda persona del plural en registros formales e informales. En España, en cambio, se distingue entre vosotros y ustedes. Por otra parte, en algunos países, se usa vos en lugar de tú. Lee lo que dicen estas cuatro personas y completa el cuadro.

1. Guillermo Zanetti, argentino
 Nosotros utilizamos más "vos". Y en plural, decimos "ustedes". Y, claro, tenemos algunas formas verbales diferentes. Yo le pregunto, por ejemplo, "¿Vos sos española?" en lugar de "¿Tú eres española?". En realidad es muy fácil, solo hay que quitar la "t" de vosotros. Por ejemplo, de "coméis", "comen". También usamos "che" para dirigirme a alguien: "¿Che! ¿Cómo andas?".

2. Rosalía Salazar, mexicana
 En México usamos "tú" y para demostrar respeto "usted". Lo que no usamos es "vosotros". Decimos "ustedes". En México D.F. la palabra que usamos para dirigirme a los amigos es "cuate", o "cuata" para las mujeres. Un saludo típico entre amigos es: "¿Cómo están mis cuates?".

3. Omar Ferrer, cubano
 En Cuba usamos "tú" y hacemos las preguntas de una forma especial, usando el pronombre: "¿Cómo tú le llamas?". Y para el plural usamos "ustedes". "Ustedes" lo entendemos y lo usamos en la escuela, pero nadie lo utiliza.

4. Fernanda Ramos, española
 En España se usa "tú" y "vosotros". Pero yo soy de Sevilla, de un pueblo que se llama Coria del Río, y allí no usamos "vosotros", decimos "ustedes". Claro que en Canarias también dicen "ustedes" en vez de "vosotros". Por ejemplo, yo puedo decirle a un grupo de amigos: "Ustedes tienen que venir conmigo".

	Tú	Vos	Vosotros	Ustedes
Argentina				
México				
Cuba				
España				

5. ¿En cuántos países se habla tu lengua? ¿Sabes si hay diferencias como estas entre las diferentes zonas o países? Coméntalo con tus compañeros.

Fonte: Corpas, García, Garmendia (2005b, p. 40).

Mais adiante, na seção *Viajar* da Unidade 9, há um conteúdo que apresenta a *Historia de España*, Figura 7, no qual se faz referência ao desenvolvimento cultural do país, especialmente, às influências dos diversos povos que habitaram a Península Ibérica desde a Antiguidade. Dentre essas influências são apresentadas as linguísticas, que concorreram para determinar as variantes linguísticas existentes atualmente no país.

Figura 7: Parte do conteúdo que apresenta a *Historia de España*



En el siglo I d. C., Hispania era parte del Imperio Romano y en las ciudades la gente hablaba latín. Emerita Augusta (Mérida), Hispalis (Sevilla) y Tarraco (Tarragona) eran ciudades importantes y los productos de Hispania (trigo, vino y aceite de oliva) se exportaban a todo el Imperio.

Fonte: Corpas, García, Garmendia (2005b, p. 79).

No manual *Aula Internacional 2*, na seção *Más Cultura* representada aqui na Figura 8, há uma atividade que trata das diferenças e semelhanças culturais presentes na América Latina, apresentando em que aspectos os países se aproximam ou se distanciam. Um dos aspectos salientados refere-se às diferenças linguísticas, o qual é exemplificado pela palavra *amigo* e suas diferentes formas lexicais nos diversos países hispano falantes, *cuate*, *socio*, *hermano*, *aparcerero*, *camarada*, *compañero*, *pata*, *hijito*, *paisano*.

Figura 8: Diferenças e semelhanças culturais presentes na América Latina

MÁS CULTURA

1. AMÉRICA LATINA

▲. ¿Crees que los países de América Latina comparten muchas cosas culturalmente hablando? ¿Cuáles?

■. Ahora, lee este poema para ver qué opina su autor.

AMÉRICA LATINA

Mi cuate, mi socio, mi hermano,
aparcerero, camarada, compañero,
mi pata, m'hijito, paisano'...
He aquí mis vecinos,
he aquí mis hermanos.
Las mismas caras latinoamericanas
de cualquier punto de América Latina:
indoblansquingros,
blanquisequingros
y negrindoblancos...
Rubias bembonas,
indios barbudos
y negros lacios...
[...]
Alguien pregunta de dónde soy.
Yo le respondo lo siguiente:
nací cerca de Cuzco,
admiro a Puebla,
me inspira el ron de las Antillas,
canto con voz argentina,
creo en Santa Rosa de Lima
y en los coxas de Baha.
Yo no coloreé mi continente
ni pinté verde a Brasil,
amarillo a Perú,
rojo a Bolivia.
Yo no tracé líneas territoriales
separando al hermano del hermano.
Puso la frente sobre el Rio Bravo,
me afirmo píetro sobre el Cabo de Hornos,
hundo mi brazo izquierdo en el Pacífico
y sumerjo mi diestra en el Atlántico.
Por las costas de Oriente y Occidente
doscientos millas entro a cada océano.
Sumerjo mano y mano
y así me aferro a nuestro continente
en un abrazo latinoamericano.

Nicanor de Santa Cruz

Estas palabras
no existen en español...
¿Qué crees
que significan?

1 Todas estas palabras significan "amigo" en diferentes países de América Latina.
2 son palabras muy guasas.
3 Frases o ejemplos de la naturaleza que aplicas de intermediario ante Dios en las religiones abrahámicas.

Fonte: Corpas, Garcia, Garmendia (2005b, p. 141).

No manual *Aula Internacional 2*, percebe-se uma maior quantidade de conteúdos referentes à variação linguística e isso pode dar-se pelo fato de que, à medida que o curso avança, se aprofundam os estudos dessa língua e as dificuldades de aprendizagem vão surgindo,

principalmente, no que concerne às questões fonético-fonológicas, morfossintáticas ou léxico-semânticas e pragmático-discursivas, como destacado por Coan e Pontes (2013), portanto, é necessário inserir elementos que deem subsídio aos alunos, para que possam acompanhar os novos conteúdos, principalmente, em relação ao léxico, permitindo-lhes comunicar-se na língua estudada.

No manual *Aula Internacional 3* (CORPAS; GARCIA; GARMENDIA, 2005c), na seção *Viajar*, aparece uma atividade que trabalha a influência do inglês no espanhol falado no México e desse último no primeiro, indicando a ocorrência de um fenômeno linguístico conhecido por *El Spanglish* que está em curso e, segundo o texto apresentado, “enfrenta a los académicos y espanta a los puristas” (CORPAS; GARCIA; GARMENDIA, 2005c, p. 104), sendo definido pelo *Diccionario de la Lengua Española de Manuel Seco*, como “idioma español hablado con abundancia de anglicismos” (CORPAS; GARCIA; GARMENDIA, 2005c, p. 104). Vejamos a atividade supracitada na Figura 9.

Figura 9: Texto que apresenta uma mudança linguística em curso, *El Spanglish*

VIAJAR

6. EL “SPANGLISH”

A. Lee el siguiente texto y, luego, comenta con tus compañeros qué es el “spanglish”, ¿Consideras que es una lengua?

EL “SPANGLISH”: ¿UN NUEVO IDIOMA?

Si vas a California, es posible que alguien te diga *grachar* para prevenirte de un peligro. En Nueva York, muchos vacacionan la carpeta cuando quieren pasar la aspiradora, y en Miami, no es raro ver a alguien decir *I don't care* a alguien cuando algo le importa “un pito”. Los cerca de 50 millones de personas de origen hispano que residen en Estados Unidos utilizan, en mayor o menor medida, el “spanglish”, un fenómeno lingüístico que enfrenta a los académicos y espanta a los puristas, y que aparece definido en el *Diccionario de la Lengua Española* de Manuel Seco como “idioma español hablado con abundancia de anglicismos”. Sin embargo, no se puede afirmar que el “spanglish” sea un fenómeno lingüístico uniforme, ya que poco se parece el “cubonés” de los cubanos de Florida al “mayorcanés” de los puertorriqueños de Nueva York o al “chicano” de Texas y California.

Los medios de comunicación han tenido un papel primordial en el uso y sobre todo en la difusión del “spanglish”. Revistas dirigidas a un público latinoamericano como *Latina* o *Generación N* promueven esta “lengua híbrida” a través de artículos y de eventos. Hace poco, la marca de pasta dentífrica Colgate lanzó una campaña de anuncios televisivos en “spanglish” y escritoras como las puertorriqueñas Giannina Braschi y Ana Lydia Vega solo escriben en puro “spanglish”. Pero, sin duda, uno de los principales artífices del boom de este fenómeno en Estados Unidos es el periodista

español mexicano Iban Stavaus, titular de la primera cátedra de “spanglish”, en el Amherst College de Massachusetts, y autor de la primera versión de *El Español en “spanglish”*. Stavaus define esta lengua híbrida como “un mestizaje verbal donde Shakespeare y Cervantes, en una manera digna de los directores de la película *The Matrix*, sincronizan sus identidades”. Stavaus incluso va más allá en su predicción de que “en 200 ó 300 años la gente probablemente se comunicará en un idioma que no será ni el español ni el inglés de la actualidad, sino una mezcla de los dos”.

BEEF DICIONARIO

híbrido: híbrido (híbrido)
hache: arrieta (hache)
suspeito: alborota (suspeito)
charro: pastanera (charro) (charro)
mostrar: mostrar un signo (mostrar)
marquero: mercado (marquero)
pasquero: apuro (de park the car)
costar: alquilar (to cost)
relo: tejido (relo)
salpazar: escribir a máquina (to type)
pardo: pasta (pardo)

B. ¿Cómo crees que va a evolucionar el “spanglish”? ¿Crees que puede hacer desaparecer la lengua española? Coméntalo con tus compañeros.

Fonte: Corpas, Garcia, Garmendia (2005c, p. 104).

Dentre as palavras que constituem o léxico desse *nuevo idioma*, *El Spanglish*, algumas são as indicadas na Figura 10 abaixo, de onde se pode depreender a mescla entre essas duas línguas que concorrem para a formação de uma terceira:

Figura 10: Breve dicionário do *El Spanglish*



Fonte: Corpas, Garcia, Garmendia (2005c, p. 104).

Embora esse tipo de material proporcione uma rica experiência de aprendizagem de E/LE aos alunos, ainda assim é insuficiente para dar conta das diferentes variações linguísticas presentes na língua espanhola, evidenciando que o ensino de língua estrangeira ainda se restringe a privilegiar apenas uma das variantes, a madrilenha. Isso pode ser atribuído ao prestígio que essa variante possui em relação às demais, impedindo o acesso dos estudantes às demais formas de manifestação oral da língua espanhola.

Outro ponto relevante que merece destaque é o fato de a maioria dos exercícios tratarem apenas da variação de formas de tratamento, em detrimento das demais variações no plano fonético-fonológico, morfossintático e semântico-discursivo.

Considerações finais

Com base no que foi exposto, é possível perceber que, muito embora o ensino de línguas estrangeiras, particularmente de E/LE, tenha avançado consideravelmente em termos de recursos didáticos, por exemplo, manual didático, com metodologias e abordagem de conteúdos mais condizentes com as atuais necessidades de aprendizagem dos alunos, ainda há

muito para ser feito em relação, por exemplo, à apresentação de conteúdos que apresentem ao aluno as diferentes variantes utilizadas em língua espanhola.

Por meio de uma breve análise dos conteúdos e atividades presentes nos manuais didáticos que compõem a coleção *Aula Internacional*, pode-se verificar a reduzida quantidade de conteúdos e atividades sobre variação linguística, o que, com base no referencial teórico utilizado nessa pesquisa, pode comprometer a aprendizagem do aluno, ao não permitir-lhe adquirir esse conhecimento e, conseqüentemente, não fornecendo-lhe subsídios que o permita optar pela variante que melhor se adequa aos seus contextos sociais e culturais.

Para isso, e na perspectiva dessa pesquisa, percebe-se a necessidade de que o professor deve conhecer, minimamente, as variações existentes nesse idioma e saber relacioná-las aos conteúdos gramaticais necessários à aprendizagem da língua pelos alunos, pois somente dessa maneira poderão vivenciar uma aprendizagem plena de E/LE.

Referências

ALKMIN, Tânia M. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris. *Educação em Língua Materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. *Nós chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. LEI Nº 13.415, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília-DF, fev. 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111161.htm>. Acesso em: 13 dez. 2017.

BRASIL. LEI Nº 11.461, DE 05 DE AGOSTO DE 2005. Dispõe sobre o ensino de língua espanhola. Brasília-DF, ago. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art22>. Acesso em: 25 dez. 2017.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Edital de convocação para inscrição de livro didático no processo de avaliação e seleção de obras a serem incluídas no catálogo de escolha de livros da 1ª a 3ª séries do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio – PNLEM/2005, Brasília, 2003.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas tecnologias. v. 1. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2017.

CAMACHO, Roberto G. A variação linguística. *In: Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus*. São Paulo, SE/CENP, 1983. v. 3.

_____. Sociolinguística: parte 2. *In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). Introdução à linguística: domínio e fronteiras*. São Paulo. Cortez, 2001. v. 1.

COAN, Márluce; PONTES, Valdecy de Oliveira. Variedades linguísticas e o ensino de espanhol no Brasil. *Trama*. v. 9, n. 18, 2013, p. 179-191. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/download/8252/6079>>. Acesso em: 25 dez. 2017.

CORPAS Jaime; GARCIA, Eva; GARMENDIA, Agustin; SORIANO, Carmen. *Aula Internacional 1*. v. 1. Barcelona: Editorial Difusión, 2005a.

_____. *Aula Internacional 2*. v. 2. Barcelona: Editorial Difusión, 2005b.

_____. *Aula Internacional 3*. v. 3. Barcelona: Editorial Difusión, 2005c.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. *Qué español enseñar*. Madrid: Arco/Libros, 2000.

_____. *Las variedades de la lengua española y su enseñanza*. Madrid: Arco/Libros, 2010.

KRAVISKI, Elys Regina Andretta. *Esteréotipos culturais: o ensino de espanhol e o uso da variante argentina em sala de aula*. Dissertação (Mestrado em Letras - Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná), Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/14065/ELYSDisserta%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 dez 2017.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. *Principles of Linguistic Change: Cognitive and Cultural Factors*. v. 3. Oxford: Blackwell, 2010.

_____. *The social stratification of English in New York city*. 2 ed. Cambridge: University Press, 2006 [1966].

_____. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. v. 2. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. v. 1. Oxford: Blackwell, 1994.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PONTES, Valdecy de Oliveira. *Abordagem das categorias verbais de tempo, aspecto e modalidade por livros didáticos de língua portuguesa e de língua espanhola: uma análise contrastiva*. 2009. 84f. Monografia (Especialização em Linguística Aplicada) Faculdade 7 de setembro, Fortaleza, 2009.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Montevideo: Fundación Ángel, 1982.

RODRIGUES, Daniel de Sá. *O tratamento da variação linguística em livros didáticos de Língua Inglesa*. 2005, 83f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005, 83f. Disponível em: <<https://goo.gl/WLHqTf>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1989 [1916].

SOUZA, Elizete Cristina de. *Crenças e atitudes de professores e alunos no Brasil e na Espanha sobre variação linguística*. 2012. 333f. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação – LIP, Brasília: Universidade de Brasília (UnB). Disponível em: <<https://goo.gl/knvkXj>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ANÁLISIS DE LA VARIACIÓN LINGÜÍSTICA EN MANUAL DIDÁCTICO DE E/LE A LA LUZ DE LOS ESTUDIOS DE LA SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

RESUMEN

En este artículo, objetivamos evidenciar cómo los contenidos sobre la variación son presentados en una colección constituida por tres manuales didácticos, orientada para la enseñanza de E/LE. Metodológicamente, utilizamos los presupuestos teóricos de la Sociolingüística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) en el análisis de los manuales didácticos de la colección Aula Internacional con vistas a evidenciar la existencia o ausencia de contenidos que presentan y trabajan la variación lingüística en la enseñanza de E/LE. Este estudio se justifica por el hecho de que toda lengua es heterogénea, fluida y multifacética, tornando necesario que los manuales didácticos para la enseñanza de lenguas extranjeras contemplen contenidos acerca de la variación lingüística. Tras el análisis de los manuales, verificamos que, aunque haya avances en el sentido de desarrollar una enseñanza de lengua más cerca de la realidad lingüística de la lengua estudiada, aún hay mucho que hacer para que este tipo de enseñanza sea, de hecho, concretada.

Palabras-clave: Enseñanza de lengua extranjera. Español como lengua extranjera (E/LE). Variación Lingüística. Manual didáctico.

Envio: dezembro/2017
Aceito para publicação: maio/2018